

BRUNO CESAR SANTOS DIAS

O TEMPO NA ESTAÇÃO

- Relatório Técnico -

CFCH/ECO

2006

O TEMPO NA ESTAÇÃO
Reportagem e Relatório Técnico

BRUNO CESAR SANTOS DIAS

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Comunicação Social, Graduação em Comunicação
Social, Habilitação em Jornalismo

Orientador: Prof. Paulo Roberto Pires

Rio de Janeiro
2006

O TEMPO NA ESTAÇÃO
Reportagem e Relatório Técnico

BRUNO CESAR SANTOS DIAS

Parte do projeto experimental submetido ao corpo docente da Escola de Comunicação - ECO - da Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo

Aprovada por:

- Orientador

Prof. Paulo Roberto Pires
ECO/UFRJ

Profª Ana Paula Gulart – Doutora, ECO/UFRJ
ECO/UFRJ

Prof. William Dias Braga – Doutor, ECO/UFRJ
ECO/UFRJ

Rio de Janeiro
2006

Dias, Bruno Cesar Santos Dias.

O Tempo na Estação (Reportagem e Relatório Técnico)

Bruno Cesar Santos Dias. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, 2006.

Projeto Experimental – (Graduação em Comunicação Social)
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de
Comunicação – ECO, 2004.

Orientador: Paulo Roberto Pires

1. Jornalismo. 2. Reportagem. 3. Central do Brasil. I. Pires, Paulo
Roberto (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro -
Escola de Comunicação. III. O Tempo na Estação

DIAS, Bruno Cesar Santos. **O Tempo na Estação** – Orientador: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2006. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo).

O Tempo na Estação é uma reportagem sobre o cotidiano e transformações no entorno da Estação Central do Brasil, um universo transitório e contemporâneo, composto pelos passageiros do transporte ferroviário, os vendedores dos mercados informais, bem como os programas sociais do governo do Estado ali instalados e os tipos humanos que vivem a região, evangélicos, prostitutas, nordestinos e demais aspectos culturais. A reflexão de sua produção e a discussão teórica sobre este gênero jornalístico constam no Relatório Técnico.

Ao abordar tais aspectos, **O Tempo na Estação** quis descobrir um Rio suburbano pela leitura e interação com a realidade, trabalhando esta como linguagem e devolvendo à sociedade na forma de reportagem. E isso através de uma redação mais livre, longe das amarras do lide e dos modelos fechados e em busca de exercitar formas para que o texto seja um elemento a mais na apresentação dos fatos e assim pensar a reportagem como um relato da realidade sob a lente do contemporâneo.

DIAS, Bruno Cesar Santos. **O Tempo na Estação** – Orientador: Paulo Roberto Pires. Rio de Janeiro: UFRJ / ECO, 2006. Projeto Experimental (Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo).

Time at the Station is a report about the quotidian and the transformations surrounding Central do Brasil Station, a transitory and contemporaneous universe comprised of railway passengers and informal vendors as well as state social programs placed there and types of people who live within that area—evangelists, prostitutes, *nordestinos*—and other cultural aspects. A reflection on the report's production and a theoretical discussion about this genre of journalism are found in the Technical Report.

In taking up these themes, **Time at the Station** sought to discover suburban Rio through a reading of and interaction with reality, using that reality as language and returning it to society in the form of reporting. And all this was done with a freer style of writing, far from the ties of the *lead* and of the closed models and seeking to exercise forms so that the text does more than just present the facts and with that think of the report as relating reality beneath a contemporary lens.

SUMÁRIO

	p.
1: A PROPOSTA	
1.1. Do som ao chão da cidade -----	8
1.2. Da cidade para a reportagem -----	10
2: A REDAÇÃO	
2.1 A reportagem e suas facetas literárias -----	12
2.2 Jornalismo como Literatura -----	16
3: A APURAÇÃO	
3.1 Um mergulho na Central do Brasil -----	18
4: A EDIÇÃO	
4.1 A lente do Contemporâneo -----	22
5: REFERÊNCIAS -----	27

1 – A PROPOSTA

1.1 – Do som ao chão da cidade

Primeira semana de maio de 2006, uns sete meses depois de ter rascunhado o primeiro projeto para a colação de grau em jornalismo. Ao parar e lembrar as primeiras idéias que me levaram aos trilhos, ruas e pessoas da Central do Brasil, reencontro a cidade, ponto de partida dessa viagem.

As cidades são o centro do mundo. São nelas que as relações políticas, econômicas e jurídicas se desenvolvem para a sustentação das sociedades contemporâneas. Nas cidades estão inscritas a complexa rede de relações sociais, onde o homem desenvolveu suas marcas e formas para comportar seus habitantes, comumente chamados - mas nem sempre - cidadãos. Com tantas características identificadoras e igualitárias, elas conseguem manter particularidades que as fazem distintas umas das outras. As cidades constroem história.

O espaço urbano é um campo profícuo para a comunicação. Feita para ser habitada e sentida, cabe ao homem expressar a cidade por imagens, sons, palavras. Dentre as principais cidades do mundo está São Sebastião do Rio de Janeiro. Uma cidade maravilhosa em suas qualidades naturais e humanas, mas partida devido a tantos problemas sociais nela amplificados. O Rio consegue preservar características naturais, históricas e culturais de maneira assimétrica, numa mistura de urbanização, decadência e beleza.

Antes mesmo da colação de grau em jornalismo, a cidade já despertava atenção pelos ouvidos. A primeira idéia para o projeto experimental em radialismo seria a gravação e edição de uma colcha de retalhos sonoros para assim contar um dia na cidade. No entanto, as ondas hertzianas levaram a outras praias e desaguaram na monografia *Vozes do Brasil – Comunicação e Estado nas ondas do rádio*, um estudo sobre a história, legislação, estrutura e mensagens do programa A Voz do Brasil.

Passado esse período, a cidade continuava a pulsar, e a idéia foi retomada em parte neste projeto de final de curso. Se todos os objetos são passíveis de serem observados pelo jornalismo, a cidade seria então descoberta pela leitura e interação com

a realidade, trabalhando-a como linguagem e apresentando o resultado à sociedade na forma de reportagem.

Na verdade, ***O Tempo na Estação*** é um terço da idéia inicial. Primeiramente, foi pensado o projeto *Rio de Passagem*, uma reportagem que se propunha a abordar o Rio de Janeiro visto pelo vai e vem de personagens e situações em ruas e avenidas. Compunham do projeto inicial três capítulos, a saber: *Pelas águas da Guanabara*, abordando as alterações do mundo do trabalho na zona portuária, *Pelas pistas da Avenida Brasil*, tratando da migração nordestina e do trânsito de mercadorias no Estado e finalmente, *Pelos trilhos da Central*, investigando o universo dos camelôs dentro e fora da Estação. Passados esses sete meses, fica claro que o ajuste e escolha de apenas um lugar favoreceram e muito a execução deste projeto de final de curso.

A primeira cena colhida para o *Rio de Passagem* caiu no colo e foi determinante para a decisão. Foi um grande acaso assistir a retirada do mercado informal do Terminal Rodoviário Procópio Ferreira, ocorrida na madrugada de um sábado no outubro passado. Voltei à cena na segunda-feira seguinte. E mais um dia, e outro, quando percebi ser a Central do Brasil o espaço que congrega todos os aspectos originalmente pensados.

A privatização do transporte ferroviário e a força descomunal do mercado informal imprimem o ritmo veloz das transformações no mundo do trabalho. Berço de história e cultura, a Central é movida pelo povo carioca (seja esse fluminense ou nordestino) que ocupa todos os seus espaços. Lugar de passagem e pólo de prestação de serviços para a população carente da região metropolitana, a Estação dá uma dimensão ainda maior ao transitório e ao contemporâneo. Ela é o coração de um Rio de Janeiro suburbano, uma das facetas dessa cidade-personagem.

O projeto ganhou maior densidade, ampliando suas perspectivas. Iniciou-se o desenrolar de um grande novelo urbano. História, arquitetura, estatísticas, dados econômicos e, principalmente, o manancial de falas, do homem simples, da trabalhadora, do vagabundo, fazem desse projeto uma reportagem que busca desvelar o cotidiano de um dos principais pontos do Rio, e dessa forma, falar da cidade como um todo. Essa é a gênese e proposta de ***O Tempo na Estação***.

1.2 - Da cidade para a reportagem

A produção de *O Tempo na Estação* envolveu elementos comuns ao dia a dia da atividade jornalística que até então não tinham sido pensados de forma teórica. Aliados à prática, eles ganharam dimensão e compreensão maiores: **a apuração**, desde o levantamento de informações, documentos e dados, passando pelo contato com assessorias de imprensa e demais profissionais da área até a realização das entrevistas, **a redação**, ou seja, a articulação dessas informações numa estrutura narrativa, e a **edição** do texto bruto até sua forma final. Para além dos mecanismos de texto já destacados, entraram de forma subordinada a fotografia e a edição gráfica. Ao final, foi descoberto que a reportagem não é só o relato com palavras e/ou imagens sobre um dado objeto ou um produto jornalístico fechado e acabado, mas sim uma resultante de todos esses elementos. Mostrar a articulação dessas três principais etapas com as idéias e descobertas teóricas e práticas feitas ao longo da produção da reportagem é o objetivo deste Relatório Técnico.

Fazer uma reportagem sobre a cidade e seu cotidiano não é uma idéia nova. Já na década de 50 do século XX, um grupo bem heterogêneo de repórteres dos Estados Unidos foi ao encontro dela e seu cotidiano urbano para colher histórias. Cada um deu seu jeito, mas todos estiveram preocupados em desenvolver novas formas de contar. Traduzido por essas bandas como Jornalismo Literário, o New Journalism é a fonte de inspiração de *O Tempo na Estação*. A surpresa e encanto com as formas narrativas por eles utilizadas mostraram que a reportagem é um objeto ainda mais rico, que possibilita repensar os limites e fronteiras dos gêneros e discursos. Tais idéias, bem como o aprendizado e utilização das técnicas narrativas, se deram ao longo da redação.

Limites e fronteiras também são diariamente pensados no processo de apuração. A rua, local onde a realidade pulsa e se encontra mais próxima do repórter, foi o campo principal deste trabalho. Mas seus caminhos não estavam de maneira nenhuma abertos. Foi encontrado um emaranhado de serviços, comércios, instituições, transportes, pessoas. Tentar desenrolar esse “carretel” de 10 quilômetros de raio por 135 metros de altura mostrou os diferentes sentidos do reportar, as sinuosidades das entrevistas e os meios de apreender a realidade do objeto desejado.

O acerto ao alvo (ou pelo menos, a tentativa) se deu na edição, momento em que escolhas de notícias, texto e demais linguagens foram feitas com o objetivo de expor no material final o veio mais rico do objeto, a transitoriedade e a contemporaneidade na Central do Brasil. Pensar os parâmetros dessas escolhas e suas implicações se faz fundamental para entender o processo criativo e mostrar que apreender, localizar, esmiuçar e captar o espírito do tempo de um objeto é sempre um processo de transformação e de criação de realidades.

Acima de tudo, *O Tempo na Estação* potencializou toda a angústia da escrita, o navegar pela tela branca e pelas ruas do Rio, o cultivo das idéias livres, o risco da abordagem da entrevista, o escapar das armadilhas, das fórmulas e o esperar uma carta vir a seu encontro. Independente das intempéries e dos desfiladeiros, foi uma empreitada fascinante.

2 – A REDAÇÃO

2.1 - A reportagem e suas facetas literárias

As mais variadas definições do que venha a ser uma reportagem nunca darão conta de exprimir o real sentido desse formato jornalístico. Talvez seja pelo fato de a matéria-prima de sua constituição, a realidade, ser indefinível também. Tão diversa em sentidos, formas, objetos e vinculações, a reportagem está preocupada unicamente em retratar a realidade do que ela é feita sob a lente do contemporâneo. Se é tão difícil escolher uma definição, talvez seja interessante pensar sobre as partes que a compõe.

Apuração e texto, elementos constituintes do jornalismo em todos os seus formatos, tornam-se centrais quando estão a serviço da reportagem. No momento, o objeto é o que menos importa. Se não tivermos a abordagem ao objeto e os modos de articular e transmitir as informações dele tiradas, não teremos reportagem. A dosagem desses dois elementos se faz na edição, quando se define os traços mais marcantes do objeto reportado, seja os frutos de guerra, o mundo particular de um maluco do Village ou a tentativa da captura da aura de uma cidade.

Os diversos autores que se debruçaram sobre o estudo da reportagem privilegiam ou o caráter noticioso ou as formas narrativas para classificar e compreender o formato. Para o professor Nilson Lage:

Como estilo de texto, a reportagem é difícil de definir. Compreende desde a simples complementação de uma notícia – uma expansão que situa o fato e suas relações com outros fatos antecedentes, conseqüentes e correlatos – até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica conteúdos de interesses permanentes. (Apud Lima, 1993, 26)

Em outro livro, *Linguagem Jornalística*, o autor explicita melhor sua idéia ao definir o jornalismo como gênero calcado na informação e nos conteúdos apurados, desenvolvidos pela reportagem para um entendimento interpretativo dos fatos. Lage

afirma que “em jornalismo, as preposições principais dão conta das transformações, deslocamentos e enunciações (notícias) ou se formulam a partir de acontecimentos (reportagem interpretativa)”. (2002, 39)

Ele ressalta o caráter noticioso frente à construção narrativa para entender o formato. Para Lage, apenas a literatura carrega informação estética. No entanto, outros autores classificam a reportagem pela sua organização textual. Tal proposição sustenta a reportagem (bem como o jornalismo) pelo conceito de narrativa, como apresentado por Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari:

Narrativa, sabe-se, é todo e qualquer discurso capaz de evocar um mundo concebido como material, real e espiritual, situado num espaço determinado [...] mas a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder constituirá em pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia a dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. (1986, 11)

Apesar das duas visões parecerem conflitantes, não há contradição entre o caráter noticioso e informativo e o uso de diferentes técnicas narrativas na construção de um texto, principalmente na reportagem. Inclusive esta pode ser estruturada de forma semelhante ao modelo narrativo do lide, respondendo às seis perguntas clássicas e disposta na forma da pirâmide invertida. A essa formatação, os autores de *Técnicas de Reportagem: Notas sobre a narrativa jornalística* e tantos outros teóricos classificam como reportagem de fatos, ou na tradição norte-americana, *fact story*.

Desde as primeiras leituras para a realização deste projeto, buscou-se uma redação mais livre, longe das amarras do lide e dos modelos fechados e em busca de exercitar formas para que o texto seja um elemento a mais na apresentação dos fatos. **O Tempo na Estação** buscou apresentar o cotidiano e as transformações no entorno da Central do Brasil valendo-se de diferentes formas narrativas. A descrição dos ambientes e personagens está presente em todos os capítulos e manteve ao máximo as marcas da oralidade dos entrevistados. Em alguns, os personagens discorrem uma ação no tempo,

contam suas histórias e/ou servem para mostrar a dinâmica da região. O presente é o tempo verbal da narração e o ponto de vista prezou a onisciência para deixar os personagens livres em suas ações e abrir planos de texto expositivos. Tais opções se deram em todas as matérias, exceto no texto *Três cardápios no Restaurante Popular*.

Em sua estrutura, *O Tempo na Estação* privilegiou dois formatos, conhecidos como reportagem de ação (*action story*) e reportagem documental (*quote story*), e buscou ao máximo mesclá-los. A escolha se deu por ambas estruturas permitirem uma melhor elaboração dos planos de texto, ou seja, o modo como acontecimentos e informações são apresentados e hierarquizados. Seja de forma cronológica ou dialética, seja meramente factual ou interpretativa, a realização de um bom plano de texto “vale como demonstração de que a reportagem não é dissertação nem tese, mas uma mensagem de natureza narrativo-expositiva, voltada pura e simplesmente para a comunicação”. (1986, 58). Elementos dos temas reportados, como os cardápios do Restaurante Popular, as chamadas para as composições dos ramais ferroviários, a letra de música e a carta colhida no Rio Simples também compuseram a estrutura do texto, tanto para dividi-lo como realçar tais particularidades.

Acima de tudo, *O Tempo na Estação* visou a uma unidade entre os fatos apurados e as técnicas narrativas, vinculando-se ao universo literário e evidenciando a ligação do jornalismo com o campo da arte.

O professor Ewaldo Lima (1993) usa as idéias de um grande nome do New Journalism para buscar a origem da reportagem e mostrar sua filial ligação com a arte das palavras. O autor comunga com Tom Wolfe a idéia de que a reportagem nasce a partir do gênero maior da literatura, o romance.

Tom Wolfe (...) procurou refletir também sobre a questão, encontrando no nascedouro mesmo do romance o objetivo nítido de se praticar uma literatura da realidade. Haveria um embrião do que se poderia chamar de reprodução fiel do cotidiano social no romance *Joseph Andrews*, de Henry Fielding, publicado em 1742. (1993, 140).

Ainda levaria cerca de um século para o romance estabelecer o prestígio que possui. Esse ponto foi alcançado com a consolidação desse gênero pelo movimento romântico, e posteriormente, com o retorno da ancoragem na realidade como fonte

principal de tema e inspiração, inscrevendo na história da literatura os nomes de Zola, Balzac, Dickens, Mark Twain, Dostoiévski, Tolstoi e outros.

Esses escritores haviam conseguido desenvolver uma receita onde os costumes, a linguagem e os personagens eram desenvolvidos e apoiados por um realismo detalhado, extraído do cotidiano. Os críticos costumavam confrontar a fidelidade das obras com o real. (1993, 141)

Ewaldo Lima continua sua genealogia transportando o apreço pelo realismo social da Europa para este lado do Atlântico. A partir da segunda década do século XX, será nos Estados Unidos que o gênero se desenvolverá, com destaque para o nome de Ernest Hemingway, jornalista e escritor. E não só lá, pois a imprensa nacional já conhecia tais imbricações nas reportagens de João do Rio, Lima Barreto e de Benjamin Constatat nos anos 20 no Rio de Janeiro.

A partir de 60, uma nova leva de escritores norte-americanos voltaria a utilizar da mesma matéria-prima. No entanto, esses viriam já das redações do *Herald Tribune*, do *Daily News* e do *The New York Times*, grandes empresas jornalísticas que trabalham a apuração diária e a estrutura do lide. O contexto da época também era de tempos acelerados. Os Estados Unidos entravam novamente em convulsão social, 15 anos após a 2ª Guerra Mundial. Guerra Fria, Guerra do Vietnã, descoberta das drogas sintéticas, explosão de novos modelos de vida e de novas relações no mundo do trabalho expunham algumas mazelas e mudanças daquele país, decretando o fim da dourada década de 50 e abrindo espaço para a contracultura. Foi esse o ambiente por eles encontrado.

Por aí vão aos poucos penetrando os pioneiros do Novo Jornalismo, afiando suas armas, mergulhando cada vez mais ao fundo na realidade em rápida transformação, sentindo de perto e por dentro o pulsar da sociedade norte-americana em conflito consigo mesma para nascer de mais de suas facetas contemporâneas. (1993, 148)

Dos diários para as revistas como *The New Yorker* e *Esquire*, o New Journalism se consagrou e consolidou um texto longe do imediato da notícia, sem a densidade opinativa do editorial e quebrando as convenções das biografias memorialistas. Essa

tendência foi aproveitada e difundida em demais países, inclusive o nosso. Um exemplo foi a revista *Realidade*, que de 1966 a **1968**, trabalhou matérias de cunho expositivo e investigativo, colhendo histórias do sertão nordestino aos estádios de futebol mineiros, mostrando um retrato rico e diverso do Brasil.

A ligação da reportagem com a literatura é tão forte que os gêneros literários são aproveitados para a classificação desse tipo de texto. Tanto Ewaldo Lima como Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari destacam o conto e a crônica como estruturas análogas a certos tipos de reportagem. Enquanto o conto traz um corte espaço - temporal bem delimitado, jogando o foco narrativo nas ações desenvolvidas pelos personagens, a crônica trabalha mais com as cenas do cotidiano, com personagens acidentais que compõem um painel de uma dada situação, sempre munida da observação crítica do escritor/repórter. O autor de *Páginas Ampliadas* ainda cita o romance como irmão siamês das reportagens de longo fôlego e com linha narrativa fechada, conceito que chama de livro-reportagem.

2.2 - Jornalismo como Literatura:

Através das linguagens, o homem se apropria das transformações e novas ocorrências da realidade para apresentá-las e/ou expressar suas opiniões sobre as elas. O jornalismo realiza a mesma operação ao estruturar o fato através da narrativa e transforma-lo em enunciado, em notícia. A centralidade da linguagem no jornalismo possibilita sua análise como um gênero da literatura.

O tema é complexo e foi trabalhado por dois críticos brasileiros que desenvolveram tais idéias nas décadas de 50 e 60. Alceu Amoroso Lima afirma em seu *O jornalismo como gênero literário* que o conceito literatura pode ser lido de forma lata, englobando toda expressão verbal, falada ou escrita, abarcando todos os campos do conhecimento. No entanto, numa concepção mais estrita, literatura seria toda a construção verbal com ênfase nos meios de expressão: “a palavra com valor de fim, não valor de meio” (1969, 19). O valor de meio compreende a utilização da linguagem apenas como suporte da informação. O melhor exemplo dessa utilização é o lide. Já quando a linguagem é utilizada como valor de fim, a narrativa é a própria expressão do

autor, seja artista ou jornalista. O texto dito literário expressa a subjetividade do autor pela linguagem, valendo-se das formas do romance, da poesia, do conto, da crônica. Já o texto jornalístico traz uma leitura da realidade redigida nos seus gêneros característicos: o editorial, a nota, o lide, a reportagem.

Para Alceu Amoroso Lima, as diferentes gradações da linguagem se dão quando a palavra sai do campo do verso, ato poético em si, para a prosa, e dentro desta, do seu uso meramente estético (a ficção) para a utilidade de sentido, ganhando função (de apreciação e de comunicação). Assim o autor enquadra o jornalismo como uma prosa de apreciação dos acontecimentos, o qual se junta à crítica (apreciação de obras) e à biografia (apreciação de pessoas):

O que distingue esse tipo de gênero (dos demais, de prosa de ficção e de comunicação) é que nele o que domina é o **juízo a formar** sobre a pessoa ou a obra alheias. (...) Até à ficção, o que predominava era a criação, a produção de uma forma nova. Agora, novo salto, não no escuro, mas em outro terreno, o terreno do alheio. É a aplicação da mesma vocação verbal (pois se não houver ênfase nos meios de expressão então já não haverá arte, mas ciência), mas não já a uma inspiração própria no sentido da gestação de um ser verbal novo, mas de um ser **já existente**. (1969,37 grifos do autor)

O crítico Antônio Olinto usa o termo “literatura sob pressão”, unificando realidade e linguagem para compreender o jornalismo no mundo:

O que acontece é que o plano do jornalismo é o de uma literatura para seu imediato consumo – donde, muitas vezes, o seu caráter efêmero – uma literatura dotada de uma certa funcionalidade, onde a esquematização é, sob muitos aspectos, necessária. Falo da possibilidade da literatura no jornal como tal, na informação, na reportagem, na entrevista. Falo da possibilidade que o gênero jornalístico tem de **ser** literatura. O importante, de início, é a linguagem. Uma vez dominada esta, pode o jornalista criar, dar vida a uma obra, desde que tenha conservado a pureza de sua emoção, a verdade de seu perceber interno, sua fidelidade ao homem como ser - consciente e ser - responsável. (1954, 5, grifos do autor)

O jornalismo é a transposição da realidade em texto com valor de fim. Até mesmo na nota, em que a informação está construída sinteticamente para seu entendimento imediato, há uma escolha e uma seleção de linguagem. A diferença entre os formatos e o desenvolvimento de suas qualidades artísticas incidirá centralmente sobre as opções narrativas feitas. A reportagem é a expressão máxima da informação jornalística construída como literatura, embasada na larga captação sobre o objeto reportado e pelo uso de variadas técnicas narrativas, preocupada não só com *o que falar*, mas principalmente em *como falar*.

3 – A APURAÇÃO

3.1 – Um mergulho na Central do Brasil

Embaraçam-me os fatos que tenho entre as mãos e preciso de tempo para refletir e pô-los em ordem – Somerset Maughan

Poderia escrever sobre a produção desta reportagem como faz boa parte dos escritores: pelo mais simples e pelo início. Mas isso não bastaria para falar da riqueza e dureza de uma atividade profissional cercada de cronogramas, pautas e entrevistas. Volto então à tentativa de conceituação do próprio objeto:

Reportagem [*do francês reportage*]: Ato de pesquisar determinado assunto, de informar-se a respeito dele para transmitir pelos jornais, revistas, televisões, etc. (1975,1219)

Tal conceito, tão técnico, não capta as diversas nuances do ato de reportar. Talvez a solução esteja no verbo:

Reportar [*do latim reportare*] v.t. d. e i. 1. Voltar para trás, retrain, transportar, volver – 2. Dar como causa, atribuir, referir – 3. conter, comedir, moderar – 4. (...)– 5. aludir-se – 6. referir-se, relacionar-se, prender-se, ligar-se. (idem)

Reportar carrega consigo todos sentidos listados e a apuração está relacionada a todos eles. Apesar de todo o aspecto literário destacado no capítulo anterior, não existe reportagem sem apuração, sem levantamento de dados, sem investigação, sem checagem. Se dispensasse tais elementos, toda a vinculação com a realidade se perderia, e tudo não passaria de um texto meramente ficcional.

Antes mesmo das formas narrativas utilizadas, a reportagem é fruto diretamente das formas de captação e apuração empreendidas. Se as leituras históricas forem a única fonte, uma massa de datas e fatos passados pode cair na sua cabeça. Se o repórter trabalha somente com as fontes institucionais, o texto pode cair nas armadilhas do

discurso oficial, sem críticas nem contrapontos às ações dos agentes estatais e privados. E se ele sai para a rua com uma pauta atada em nó cego, corre o risco de deixar de ver várias notícias, situações e personagens ao seu redor. Uma boa apuração deve trabalhar todos os aspectos citados e dar espaço ao máximo para que o objeto possa oferecer novos elementos a serem reportados. Para tal, a imersão, seja num fato do passado, num grande acontecimento, ou numa estação de trem, é mais do que necessária. Por isso, a apuração de *O Tempo na Estação* foi um verdadeiro mergulho na Central do Brasil.

Após a definição do objeto, partiu-se para o primeiro passo da apuração. Uma pauta “que vise o conhecimento da realidade deve localizar os conflitos e transcendê-los para identificar as causas, os efeitos, as linhas de força que o determinam”. (1993,64) Para realizar esta operação, foram listados os aspectos mais importantes do entorno do edifício. Constataram da relação, além do próprio prédio, o transporte ferroviário, o Campo de Santana, os dois terminais rodoviários e seus respectivos mercados informais, os programas sociais do governo do Estado ali instalados, os evangélicos, a prostituição e o universo do samba. Algumas orientações e caminhos a seguir já estavam em mente. Outros surgiram ao longo do período de apuração, mostrando novos elementos, situações e personagens que enriqueceram substancialmente o material.

De janeiro a maio de 2006, a Central do Brasil, paisagem cotidiana do trajeto casa-trabalho/ECO/diversão-casa, virou segunda morada e começou a ser descoberta. As primeiras incursões resgataram a retirada do camelódromo da Procópio Ferreira e foram feitas tentativas de comunicação com a Ascacen (Associação do Comércio Alternativo da Central do Brasil), sem sucesso inicialmente. Logo após, a fila do o Hotel Popular chamou atenção nas voltas para casa de trem, ainda com o objetivo de lembrar quais são os códigos e tipos humanos comuns nesse meio de transporte. Em março, mês de férias no trabalho, a imersão foi completa e todos os dias úteis foram ocupados pela apuração na Estação e no seu entorno, bem como pela realização de entrevistas para o projeto. A segunda semana de maio foi utilizada para a checagem de informações, as viagens de trem e a realização da sessão de fotos. Não faltaram remarcações, negativas e persuasão para conseguir as informações. Ao longo de todo esse período foram realizadas leituras sobre a história do Rio de Janeiro, abordando as mudanças ocorridas na região ao longo dos séculos e levantamento de informações e

documentação sobre o prédio, o trem e demais assuntos. Tal tarefa foi fundamental para embasar a análise sobre o espaço, entender as origens da região e munir o repórter de dados e informações para os momentos seguintes.

A montagem da entrevista é o segundo passo da apuração. A confecção da pauta ajuda a delimitar o universo pesquisado, mas é na preparação das entrevistas e na interação com o objeto que a estrutura do texto começa a se materializar. Roteiros detalhados foram enviados por e-mail para a Ong Davida, a concessionária SuperVia e os órgãos públicos, sempre intermediadas pelas respectivas assessorias de imprensa. A Secretaria de Segurança Pública, a Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro e a SuperVia retornaram suas respostas por escrito. Já a Secretaria Municipal de Governo, a Secretaria Estadual de Transporte, a Secretaria Estadual de Ação Social e Assistência à Família e o Instituto Perreira Passos concederam ou permitiram seus funcionários serem entrevistados.

A entrevista é um dos principais momentos da apuração. Boa parte das informações precisa ser checada e confrontada com outras fontes. Quando incompleta, a entrevista não atinge a todos os objetivos desejados e gasta-se tempo em retomar o contato. Ao mesmo tempo, ela não pode ser por demais amarrada e o roteiro não pode ser visto como única fonte de perguntas, com o risco de perder informações advindas do contato com o entrevistado. A entrevista deve responder aos principais dados já pensados e ser aberta o suficiente para não perder a riqueza dos detalhes: a forma como o entrevistado fala, os argumentos que organizam seus pensamentos e as expressões mais recorrentes. Cada entrevista é única e, devido à natureza desta reportagem, as condições ambientais as influenciaram. Quando realizadas no local de atividade dos personagens, elas foram muito mais ricas em dados e informações, sempre com algo mais a oferecer.

Surpresas ocorreram em todo o processo. Algumas já estavam no local, como a Capela Ferroviária. Outras, como o universo do trem, tiveram que ser descobertas em inúmeras viagens. O peso da Super Rádio Tupi no cotidiano da Estação e na vida da população circulante despertaram a idéia da entrevista com o radialista Roberto Canázio e enriqueceram o capítulo sobre cultura. O enorme número de nordestinos na região surpreendeu e teve espaço privilegiado. A maioria dos personagens mostrou suas vidas, aspirações e opiniões. Eles são o material vivo e dinâmico da Estação. A redação se deu

ao longo de todo o período de apuração. A matéria *Três cardápios no Restaurante Popular* foi redigida no pretérito perfeito e em primeira pessoa para mostrar, além dos cardápios e clientes do Restaurante Popular, um pouco do método utilizado: ir ao local sem identificação ou apresentação, interagir de forma similar à observação participante, realizar os contatos institucionais no local e conversar bastante. O ponto final da apuração foi posto em 29 de maio.

Assim, *O Tempo na Estação* voltou para trás na história da região e do trem, deu causas e atribuiu sentidos à atual situação do espaço, moderou versões, na tentativa de se ligar umbilicalmente à Central do Brasil e apresentar o universo de um Rio de Janeiro desconhecido e mal visto por tantos, mas rico em histórias e personagens.

4 – A EDIÇÃO

4.1 – A lente do Contemporâneo

A busca pela novidade faz o repórter esbarrar em coisas antigas. No mundo há diversas atualidades que não param de acontecer, que convivem entre si (às vezes, de maneira nada harmônica). E o jornalismo seleciona umas em detrimento de outras, confere crédito de verdade e relevância, dá permanência e faz do tema um dos possíveis assuntos do dia (da semana, do mês, do ano) de milhares de pessoas. Ao encarar a rua, o repórter sempre pergunta o que fixar, como reter aquele fragmento de realidade a ser reportado. Ao encarar o texto, ele faz a edição: corta partes inteiras de material apurado, prioriza personagens e dados e os apresenta em linguagens verbal e não verbal. Na produção de uma reportagem, a edição é essencial para definir o caráter final do texto, uma infinita tentativa de apreender, localizar e esmiuçar os veios mais ricos e captar a essência, o espírito do tempo do objeto reportado.

Entre personagens e situações, o atual, o perene e o transitório passeiam pela lente do jornalismo. Para Antônio Olinto:

O fato particular pode conter em si a força de uma série de acontecimentos. O suceder tem sua acentuação tônica que o artista identifica e seleciona para fixar depois em palavras. (...) A reportagem divide, seleciona, separa. Procura o objetivo, o importante, o significativo, o que de válido possa existir num fato. (...) O dilema, perigoso e sutil, que o jornalista tem que enfrentar é o da atualidade e da permanência. (1954, 32)

A forma como as matérias da cobertura diária e a reportagem tratam tais conceitos é uma das marcas distintivas entre esses dois formatos. Ambos são jornalismo e tem como matéria-prima a notícia, algo que já aconteceu ou a enunciação do que virá compreendida socialmente pelo público que a recebe. Toda realidade apreendida enquanto notícia e fixada em um meio de comunicação é passível de ser recuperada e ganha uma dimensão permanente. Essa é uma característica intrínseca ao jornalismo, conferindo *atualidade* à informação noticiada.

A atualidade, idéia de tempo presente, ganha diferentes contornos, de acordo com a periodicidade do veículo onde ela está inserida. Assim, no jornal diário o atual é o ocorrido ontem, há poucas horas. Na revista semanal, o atual é a ocorrência social que resiste um pouco mais ao tempo, por causar maior impacto público e perdurar reverberando na sociedade, na medida em que suas causas e origens vão sendo descobertas, identificadas no transcorrer dos dias, na medida em que também sua rede de implicações e conseqüências torna-se visível. Nesse caso, o núcleo central do tempo presente deixa de ser fato desencadeador central da ocorrência em si, para ser muito mais o seu contexto, obrigando a prática jornalística dos veículos impressos não-diários a entrar cada vez mais no terreno da opinião, da interpretação, do aprofundamento dos fatos, em suma. (1993, 31)

Impressos diários, revistas semanais, telejornais e sites produzem matérias cheias de permanência. Além de serem algo do passado, o fato noticiado pela indústria jornalística é tratado, na maioria das vezes, como fechado e acabado junto ao ponto final da matéria, sem contextualização, sem uma apuração mais profunda.

Isso se dá pelas próprias características do jornalismo atual. A escala industrial exige um grande volume bem como alta velocidade tanto para a produção como a recepção das notícias. Para cumprir tal exigência, elas são contadas através do factuality, uma estrutura narrativa calcada na técnica e na dita 'objetividade', e amplamente difundida na sociedade. Além do mais, a demanda crescente de informações pelos grupos sociais acentuou ainda mais as marcas da atualidade, e conseqüentemente da permanência.

Para a indústria jornalística, boa parte dos fatos do cotidiano realmente não necessita de maiores desdobramentos. A reunião do Copom, o engarrafamento na Presidente Vargas ou a criação dos trens femininos podem ser encerrados em poucas linhas, sem que se perca a informação que a sociedade demanda saber. Numa época em que a comunicação em tempo real sai do campo da ficção científica e torna-se uma coisa a mais da rotina, os *drops* de informação proliferam e chegam pelo rádio, TV, internet, telefone celular. Cada vez mais atuais, diretos e curtos. Cada vez com um maior sentido de permanência.

Em meio a esse cenário, a reportagem parece uma coisa meio ultrapassada. Ela vem na contramão, pois não possui periodicidade e oferece um trabalho muito maior do que o *hard news* tanto para o repórter que a produz como para o público que a consome. Nos produtos da indústria jornalística, comumente são veiculadas nas edições de final de semana ou em edições especiais. Seu texto é mais elaborado, busca causas e aspectos não diretamente relacionados ao tema central, constrói contextos históricos para situar um fenômeno e relatar a realidade.

Ao contrário das matérias da imprensa diária, a produção de uma reportagem se dá no decorrer de um período mais extenso. Exceto os temas históricos e encerrados no passado, os demais temas comuns às reportagens se dão no tempo presente, e esse muda diariamente. Logo, as reportagens que pretendem ser um painel de algo – seja um local, um comportamento ou um acontecimento de longa duração, trabalham com um material deveras transitório, às vezes, até prosaico.

Não há nada mais transitório do que estações de trem e terminais rodoviários. Assim também é o comércio informal, com suas batalhas por espaço e direitos na cidade do Rio de Janeiro. Desde o início, a transitoriedade marcou ***O Tempo na Estação***. A primeira versão do texto *Mantendo a tradição do Bota Abaixo* foi totalmente focada no personagem André Cítera e sua vivência no comércio informal da região. Nos encontros seguintes, Cítera foi apresentando outros dados sobre o Terminal e sobre sua própria vida. O repórter se viu na encruzilhada de ter que escolher entre a datação de cada texto, forma pensada para se precaver às mudanças, ou trabalhar de fato com a transitoriedade do objeto reportado, fazendo textos que deixassem histórias e situações em aberto.

O segundo caminho foi tomado, o que implicou na assimilação do conceito *contemporaneidade*.

Assim, o jornalismo voltado para o efêmero transcende-se no livro reportagem quando este leva em conta o tempo histórico para compreender o presente, resgatando do passado suas raízes mais importantes, escondidas. (...) E tampouco se confunde com a história porque, ao contrário desta, pode o livro-reportagem escapar do passado, embora mergulhe nele, focalizar o presente, mas também avançar ao futuro, antecipando-se a continuidade do atual, através de desdobramentos, no que virá a ser. Tudo para ampliar o foco de compreensão do contemporâneo. Por isso, prefiro sugerir que o conceito de *atualidade* no caso do livro-reportagem, seja substituído pelo de

contemporaneidade. Aparentemente, é apenas um sinônimo, mas sua força conotativa, quero crer, faz alusão à plasticidade e à elasticidade que o tempo presente ganha no livro de reportagem. (1993, 40, grifos do autor)

Ao querer destacar a transitoriedade encontrada na Estação e na vida de seus personagens, outras estratégias de fixação e permanência foram utilizadas na redação e na edição do texto final.

A apuração exigiu um maior alcance e buscou nos órgãos públicos as respostas para as possíveis transformações que o espaço poderá vir a sofrer. Essas informações foram apresentadas ao final de cada capítulo. Ampliou-se o número de entrevistados e se decidiu particularizar aspectos do seu dia a dia. Nesse momento, se deu uma necessária esquematização: eles deixam de ser Isméia Freitas, Carlos Costa, Maria José da Silva para serem abordados como a hóspede do Hotel Popular, o cantor evangélico, a balconista do café. A tipificação dos personagens é uma forma de especificar o que há de mais permanente na vida de alguns dos habitantes desse universo diário de aproximadamente 600 mil pessoas. As mudanças e os fatos históricos ocorridos na região, que seriam analisados a partir da história do Campo de Santana, foram devidamente suprimidos no processo de redação, bem como se buscou distribuir a grande quantidade de dados e informações advindos das leituras ao longo dos capítulos.

Outro enfrentamento se deu com as notícias e os fatos da ordem do dia, o que mostrou e reforçou as diferenças entre os conceitos de atualidade e contemporaneidade. A criação dos vagões femininos, determinada pela Assembléia Legislativa em março, rapidamente foi sancionada pelo Executivo e em abril a lei foi cumprida. Rendeu matérias e crônicas por dias nos grandes jornais cariocas e em sites de notícias durante todo o período de produção. Mesmo que a tentação fosse grande, a reportagem não pôde se vincular diretamente ao fato na iminência do seu acontecimento. No caso, preferiu-se fazer do vagão feminino mais um aspecto encontrado no universo do transporte ferroviário. Para tal, um mínimo distanciamento foi necessário e sua apuração foi feita em maio, quase um mês depois da lei em vigor. Outro exemplo foi a ocupação do Morro da Providência feita pelo Exército nas primeiras semanas de março. No dia 10, alunos e pais da Escola Bartolomeu Mitre realizaram uma passeata até o Comando Militar do Leste. Antes, passaram pela Estação para realizar um protesto. Com o fim da ocupação, o fato se mostrou por demais transitório para ser fixado na versão final.

Tais escolhas foram feitas para ressaltar o que é entendido como prioritário em qualquer reportagem, ou seja, a narrativa de um ou vários acontecimentos no tempo e no espaço. Jogou-se o foco no que pareceu ser mais permanente dentre as situações transitórias, e sem querer esvaziar tal qualidade, destacou-se os processos de mudanças e fatos que ainda estão por vir, apresentados no último capítulo. Feito junto ao processo de edição final, o último capítulo *O Tempo na Estação segue...* construiu um texto com notícias comuns da imprensa diária, estabelecendo um jogo com formato do lide.

Essa preocupação se deu também na edição gráfica da reportagem. O título foi aberto pela largura da capa para quebrar a centralidade da foto. As ilustrações dos capítulos trazem os personagens e os locais de maneira não seqüenciada. As fontes utilizadas foram Goudy Old Style, Arial e na capa Bell Center Gothic, numa alusão ao estilo moderno da Estação.

Ao término da reportagem e deste relatório, percebe-se que o humano - seus valores e histórias, suas edificações e idéias - é o motor do jornalismo. A ação humana é representada como notícia sempre que age sobre a realidade social. Cabe então ao jornalista captá-la por suas lentes e transformá-la em linguagem. A partir daí, ele pode apresentá-la nos mais diversos formatos. E assim como a realidade, a reportagem é uma obra aberta.

É preferível então, ao livro-reportagem que almeja eficácia, um caráter de obra aberta. De texto que ofereça uma leitura verticalizada da contemporaneidade, mas ordenada de tal maneira que não dê prontas todas as conclusões. Ao contrário, é conveniente que instigue o leitor, dando-lhe elementos que possa mesclar com outros para ele próprio encontrar novas combinações possíveis de compreensão do mundo. (1993, 40).

Ao dispor dados advindos de uma larga captação em variadas técnicas narrativas, a reportagem torna-se mais um elemento da notícia que ela traz, um relato da ação humana sob a lente do contemporâneo.

5 – REFERÊNCIAS

A- Fontes utilizadas na reportagem

Livros:

ABREU, Maurício de A., **A evolução urbana do Rio de Janeiro**, 2ª ed, Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar, 1988

AUGÉ, Marc, **Não Lugares, Introdução a uma antropologia da supermodernidade**, Campinas, Papirus, 1994

BAHIA, Sergio Rodrigues, Proposta de reestruturação dos quarteirões ao norte da sede da RFFSA RJ, **Desenho Urbano: Anais do II Sedur – Seminário sobre desenho urbano no Brasil**, São Paulo/Brasília, Pini Ed./FINEP, 1986

GERSON, Brasil, **História das ruas do Rio de Janeiro e da sua liderança na história política do Brasil**, 5ªed, Rio de Janeiro, Ed. Lacerda, 2000

DELGADO, Ana Paula T., Aspectos Jurídicos do comércio em vias públicas do município do Rio de Janeiro, In: **Colóquio Internacional Comércio, Culturas e Políticas Públicas**, 2005 (mimeo)

MEMÓRIA DA ELETRICIDADE, **Cidade em movimento – energia elétrica e os meios de transporte na cidade do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, Centro da Memória da Eletricidade no Brasil, 2001

LOPES, Nei, **Guingaustrilho e outros mistérios suburbanos**, Rio de Janeiro, Dantes Ed., 2001

LIMA, Evelyn Furquim W., **Avenida Presidente Vargas: uma drástica cirurgia**, Rio de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1995

MOTTA, Marly, **Rio, cidade-capital**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004

RODRIGUEZ, Helio Suêvo, **A Formação das Estradas de Ferro no Rio de Janeiro – o resgate da sua memória**, Rio de Janeiro, Memória do Trem, 2004

Documentos:

Assembléia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro, **Lei nº4. 733**, em 24 de março de 2006

Governo do Estado do Rio de Janeiro, **Plano Diretor de Transporte Urbano da Região Metropolitana do Rio de Janeiro**, 2003

Ministério dos Transportes, **Projeto de Ligação ferroviária por trem de alta velocidade entre as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro**, 2005

Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, **Relatório de Tombamento da Central do Brasil, registro nº. 22.04.1996**, mimeo

Relatório SuperVia 2003

Matérias jornalísticas:

AMORA, Dimmi e Gonçalves, Marina, Tumulto e incêndio em operações contra camelôs, **O Globo**, Rio de Janeiro, 31/10/2005

COSTA, Ana Cláudia, Vagão feminino vira caso de polícia, **O Globo**, 26/04/2006

HERDY, Ronaldo, Liminar obriga Light a manter energia nos trens do Rio,
Consultor Jurídico, 19/04/2006

B – Discussão teórica

AMARAL, Luis, **Técnica de Jornal & Periódico**, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978

BARBEIRO, Heródoto & LIMA, Paulo Rodolfo, **Manual de telejornalismo, Os segredos da notícia na TV**, São Paulo, Editora Campus,

HERSEY, John, **Hiroshima**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2002

HOLLANDA, Aurélio Buarque de, **Novo Dicionário Aurélio**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975

KOTSCHO, Ricardo, **A prática da reportagem**, São Paulo, Ática, 1986

LAGE, Nilson, **Linguagem Jornalística**, São Paulo, Ática, 2002

_____, A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística, Rio de Janeiro, Record, 2004

LIMA, Alceu Amoroso, **O jornalismo como gênero literário**, 2ª ed. Agir, Rio de Janeiro, 1969

LIMA, Edvaldo P., **Páginas Ampliadas – o Livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**, Campinas, Ed. UNICAMP, 1993

_____, Cinema e Jornalismo: A arte cinematográfica na construção da matéria interpretativa, **Comunicarte**, 9/10, 1987

LOBATO, Elvira, **Instinto de Repórter**, São Paulo, PubliFolha, 2005

LOPES, Maria Immacolata, **Pesquisa em Comunicação**, São Paulo, Ed. Loyola, 2003

MITCHEL, Joseph, **O Segredo de Joe Gould**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2002

OLINTO, Antônio, **Jornalismo e Literatura**, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1955

SODRÉ, Muniz, & FERRARI, Maria Helena, **Técnicas de Reportagem – notas sobre a narrativa jornalística**, Summus, São Paulo, 1986

TALESE, Gay, **Fama e Anonimato**, Rio de Janeiro, Cia das Letras, 2002

UZZELL, Thomas, O ângulo na técnica de narração, **Jornalismo Diversional**, São Paulo, ECA/USP, 1971